

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

OUTUBRO DE 1868

Nº 10

Meditações

POR C. TSCHOKKE

(Artigo enviado de São Petersburgo)

Entre os livros de alta piedade, cujos autores, penetrados das verdadeiras idéias cristãs, tratam todas as questões religiosas e abstratas com um zelo esclarecido, isento de preconceitos e de fanatismo, um dos que gozam na Alemanha de maior estima, merecida em todos os aspectos, é, sem contradita, o que tem por título *Horas de Piedade* (Stunden der Andacht), por C. Tschokke, distinto escritor suíço, autor de muitas obras literárias, escritas em língua alemã e muito apreciadas na Alemanha. Este livro teve, desde 1815, mais de quarenta edições. Os supostos *ortodoxos*, mesmo protestantes, em geral acham que o livro é muito liberal em suas idéias, em matéria de religião, e que o autor não se apóia suficientemente nos dogmas e nas decisões dos Concílios; mas os crentes esclarecidos, os que procuram as consolações da religião e desejam adquirir as luzes necessárias para compreender as suas verdades, depois de o terem lido e meditado, farão plena justiça às luzes e à tocante piedade do autor.

Damos aqui a tradução de duas meditações contidas nesse livro notável, porque encerram idéias inteiramente espíritas, expostas com perfeita exatidão, há mais de cinqüenta anos. Numa e noutra se acham uma definição muito exata e admiravelmente elaborada do *corpo espiritual* ou *perispírito*, idéias muito sãs e muito lúcidas sobre a *ressurreição* e a pluralidade das existências, através das quais já se entrevê a grande luz da sublime doutrina da *reencarnação*, esta pedra angular do Espiritismo moderno.

W. Foelkner

141ª MEDITAÇÃO

DO NASCIMENTO E DA MORTE

O nascimento e a morte são ambos cercados de trevas impenetráveis. Ninguém sabe de onde veio, quando Deus o chamou; ninguém sabe aonde irá, quando Deus o chamará. Quem poderia dizer-me se eu já não existi, antes de tomar o meu corpo atual? O que é esse corpo, que pertence tão pouco ao meu *eu*, que, durante uma existência de cinqüenta anos, eu o teria mudado várias vezes como uma roupa? Eu não tenho mais a mesma carne e o mesmo sangue que tinha quando era amamentado, nos anos de minha juventude e na maturidade; as partes de meu corpo, que me pertenceram durante a primeira idade, já estão, desde muito tempo, dissolvidas e evaporadas. Só o Espírito permanece o mesmo durante todas as variações que sofre o seu invólucro terreno. Por que necessitaria eu, para a minha existência, do corpo que possuía quando era pequenino? Se existi antes dele, onde estava eu? E quando me desembaraçar de minha roupa atual, onde estarei? Ninguém me responde. Vim aqui como que por milagre e é por milagre que desaparecerei. O nascimento e a morte lembram ao homem esta verdade tantas vezes esquecida, a de que ele se encontra sob o poder de Deus.

Mas essa verdade é, ao mesmo tempo, uma consolação. O poder de Deus é o poder da sabedoria, o encanto do amor. Se o começo e o fim de minha vida são envoltos em trevas, devo pensar que deve ser um benefício para mim, como tudo o que vem de Deus é benefício e graça. Quando tudo ao meu redor proclama sua sabedoria suprema e sua bondade infinita, posso crer que as trevas que cercam o berço e o ataúde são as únicas exceções? É possível que eu já tenha existido uma vez, mesmo várias vezes? Quem conhece os mistérios da natureza dos Espíritos?⁴⁸ Minha presença não seria talvez uma fraca imagem da existência eterna? Já não vejo aqui a minha passagem da eternidade à eternidade, como num espelho opaco?

Eu ousaria embalar-me em estranhos pressentimentos? Esta vida seria realmente uma imagem em miniatura da existência eterna? Que seria se eu já tivesse tido várias existências, se cada uma delas fosse uma hora de vigília da infância de meu Espírito e cada mudança de seu envoltório, de suas relações ou o que se chama morte, uma letargia para um despertar com forças novas? É verdade que me é impossível saber quantas vezes e como existi, antes que Deus me tivesse chamado à existência atual; mas a criança de peito sabe mais do que eu de suas primeiras horas? Então perdeu tanto que não possa lembrar-se de seu primeiro sorriso e de suas primeiras lágrimas? Quando tiver mais idade não se recordará mais, muito certamente, mas saberá o que foi nos seus primeiros anos; saberá que sorriu, chorou, velou, dormiu, sonhou, absolutamente como os outros. Se aqui é possível, por que seria impossível que um dia, depois de uma viagem mais elevada de meu Espírito imortal, pudesse este lembrar-se e analisar a carreira percorrida, as diversas circunstâncias em que se encontrou durante sua viagem e os mundos em que habitou? Em que degrau de idade estou agora colocado? Assemelho-me ainda à criança que, uma

48 É preciso lembrar que estas linhas foram escritas cinquenta anos antes das revelações dos Espíritos recolhidas pelo Espiritismo. (*Nota do tradutor para o francês*)

hora depois, já esqueceu os acontecimentos da hora precedente e não está em condição de guardar a lembrança de um sonho que, tendo-a transportado à vida exterior, a separou da vigília precedente; mas me pareço com uma criança que, todavia, já sabe reconhecer os seus pais. Esquece os prazeres e os desgostos do momento decorrido; mas, a cada despertar, reconhece novamente suas feições queridas. Assim se dá comigo: também reconheço meu Pai, meu Deus no Todo-Eterno. Eu o teria procurado com os olhos, tê-lo-ia chamado, mesmo que ninguém me tivesse falado dEle; porque a lembrança do Pai celeste é, ao que se diz, *inata* em cada homem. Todos os povos guardam essa lembrança, mesmo os mais selvagens, cujas ilhas solitárias, banhadas pelo oceano, jamais foram abordadas por viajantes civilizados. Dizem *inata*; talvez se devesse dizer *herdada*, transportada de uma vida anterior, exatamente como a criancinha, de um sonho anterior a outro posterior, se refere à lembrança de sua mãe.

Mas eu caio nos sonhos! Quem está em condições de aprová-los ou rejeitá-los? Eles se assemelham às primeiras lembranças, muito vagas e muito fracas que uma criança tem de algo que lhe parece ter ocorrido em seus momentos de passadas vigílias. Nossas mais audaciosas suposições, mesmo quando as julgamos verdadeiras, não passam do reflexo fugidío e confuso de nossos sentimentos que datam de um passado esquecido. Aliás, eu não me censuro por isso. Mesmo supondo-as quiméricas, elas levantam o meu Espírito, porquanto, encarando a nossa vida terrena como uma hora de uma criança de peito, que vasta e incomensurável perspectiva da eternidade se desdobra à minha frente! Qual será, então, a juventude mais avançada, a plena maturidade de meu Espírito imortal, quando, ainda muitas vezes, eu tiver velado, dormido e subido um maior número de degraus da escada espiritual?

O dia da morte terrena tornar-se-á, então, meu novo dia de nascimento para uma vida mais elevada e mais perfeita, o começo de um sono que será seguido de um agradável despertar. A

graça divina me sorrirá com um amor maior que a afeição com que uma mãe terrena sorri ao filhinho ao despertar, no momento em que este abre os olhos.

143ª MEDITAÇÃO

DA TRANSFIGURAÇÃO APÓS A MORTE

Se tenho o direito de burguesia nos dois mundos, se pertença não só à vida terrena, mas também à vida espiritual, penso que seja muito perdoável ocupar-me algumas vezes do que me espera nesta última, para a qual um vago ardor me atrai incessantemente... Entretenho-me com muito boa vontade, em lembrança, com os que me foram caros e que a morte nos arrebatou, quanto com os que, neste mundo, me cumulam de alegria por sua presença, porque os primeiros não deixaram de existir, embora privados de um corpo material. A destruição do corpo não leva à destruição do Espírito. Continuo a vos querer, meus amigos ausentes, meus caros defuntos! Posso temer não ser mais o objeto de vossa afeição? Não, certamente; nenhum mortal tem o poder de separar Espíritos unidos por Deus, como nenhum túmulo tem esse poder.

Embora a sorte que me aguarda num outro mundo me seja oculta, penso que me seja permitido meditar algumas vezes sobre este assunto, e procurar adivinhar, pelo que aqui vejo, o que lá me poderia acontecer. Se na Terra nos é recusado ver, devemos procurar alimentar em nós a fé que tudo vivifica. – Jesus-Cristo falou muitas vezes, em alegorias elevadas, do estado da alma depois da morte do corpo, e seus discípulos também gostavam de entreter-se sobre este assunto com os seus confidentes, bem como com os que duvidavam da possibilidade da ressurreição dos mortos.

A doutrina da ressurreição dos corpos era uma das mais antigas da religião judaica. Os fariseus a ensinavam, mas de maneira grosseira e material, pretendendo que todos os corpos sepultados nos

túmulos deveriam necessariamente tornar-se, um dia, o invólucro e o instrumento dos Espíritos que os tinham animado durante a vida terrena, – opinião que foi plenamente refutada por outro partido religioso judaico, os saduceus. Exortado um dia a pronunciar-se entre estas duas opiniões contrárias, o Cristo demonstrou que os dois partidos religiosos judeus haviam chegado, à força de aberrações, a erros completamente opostos; que a imortalidade da alma, isto é, a continuação de sua existência no outro mundo, ou a ressurreição dos mortos, poderia se dar e se daria infalivelmente, sem dever ser uma ressurreição grosseiramente material dos corpos, providos de todas as exigências e de todos os sentidos terrestres necessários à sua conservação e à sua reprodução. Os saduceus reconheceram a verdade de suas palavras: “Mestre, respondestes muito bem!” disseram. (Lucas, 20:27-39.)

O que Jesus não discutia em público senão muito raramente, em detalhe, tornava-se assunto de suas conversas íntimas com os discípulos. Estes tinham as mesmas idéias que ele sobre o estado da alma após a morte e sobre a doutrina judaica concernente à ressurreição. “Insensatos! – diz o apóstolo Paulo – não vedes que o que semeais não nasce, se *antes* não morrer? E quando semeais, não semeais o corpo da planta que deve nascer, mas o simples grão, como de trigo ou de qualquer outra coisa. O corpo, como uma semente, agora é posto em terra cheio de corrupção e ressuscitará incorruptível. Semeia-se corpo animal, ressuscita-se corpo espiritual. *Se há corpo animal, há também corpo espiritual.* A carne e o sangue não podem possuir o reino de Deus e a corrupção não possuirá esta herança incorruptível. (I Coríntios, 15:37 a 50.)

O corpo humano, composto de elementos terrestres, voltará à terra e entrará nos elementos que compõem os corpos das plantas, dos animais e dos homens. Esse corpo é incapaz de uma vida eterna; sendo corruptível, não pode herdar a incorruptibilidade. Um *corpo espiritual* nascerá da morte, isto é, o *eu*

espiritual se elevará como *transfigurado* acima das partes do corpo feridas pela morte, numa liberdade maior e provido de um *invólucro espiritual*.

Esta doutrina do Evangelho, tal como saiu das revelações de Jesus e de seus discípulos, corresponde admiravelmente ao que agora já sabemos da natureza do homem. É irrecusável que o Espírito ou alma, além de seu corpo terrestre, é, na realidade, revestido de um corpo espiritual, o qual, exatamente como a reprodução da flor de uma semente apodrecida, se liberta pela morte do corpo material.

Muitas vezes se diz, por alegoria, que o sono é irmão da morte; e o é na realidade. O sono não é senão a retirada do Espírito ou da alma, *o abandono provisório feito por ela das partes exteriores e mais grosseiras do corpo*. Dá-se o mesmo no momento da morte. Durante o sono, nessas partes de nosso corpo, abandonadas por algum tempo por nossa personalidade mais elevada, não reside senão a vida vegetativa. O homem fica num estado de insensibilidade, mas seu sangue circula nas veias, sua respiração continua; todas as funções da vida vegetativa estão em plena atividade, assemelhando-se às da vida inconsciente das plantas. Essa retirada passageira do elemento espiritual do homem parece necessária, de vez em quando, para o elemento material, porque este último acaba por se destruir, a bem dizer, a si mesmo, por um desgaste muito prolongado, e se enfraquece ao serviço do Espírito. A vida vegetativa, abandonada a si mesma, e deixada em repouso pela atividade do Espírito, pode então continuar a trabalhar sem entraves na sua restauração, conforme as leis de sua natureza. Eis por que, depois de um sono saudável, sentimos nosso corpo como repousado, com o que se alegra o nosso Espírito; mas, depois da morte, a vida vegetativa também abandona os elementos materiais do corpo, que lhe deviam sua ligação, e eles se desagregam.

O corpo abandonado pelo Espírito ou alma pode, em certos casos, nos parecer com vida, mesmo quando *a morte verdadeira já está consumada*, isto é, quando o *elemento espiritual* já o deixou. O cadáver abandonado por seu Espírito continua a respirar, seu pulso a bater; diz-se: “Ele ainda vive.” Por outro lado, por vezes pode acontecer que a força vital, tendo positivamente abandonado algumas partes do corpo, estas estão verdadeiramente mortas, enquanto o Espírito e o corpo ficam unidos nas outras partes do corpo onde ainda reside a força vital.

O sono, um dos maiores segredos da existência humana, merece as nossas observações mais constantes e mais atentas; mas a dificuldade que apresentam essas observações tornam-se tanto maior quanto, para as fazer, o Espírito observador é forçado a submeter-se às leis da natureza material e de a deixar agir, para lhe dar a faculdade de se prestar mais facilmente ao seu uso e às suas experiências. Todo sono é o alimento da força vital. O Espírito aí em nada participa, porque o sono é também completamente independente do Espírito, como a digestão, a transformação dos alimentos em sangue, o crescimento dos cabelos, ou a separação do corpo dos líquidos inúteis. O estado de vigília é um consumo da força vital, sua expansão fora do corpo e sua ação exterior; o sono é uma assimilação, uma atração dessa mesma força de fora. Eis por que achamos o sono, não só nos homens e nos animais, mas também nas plantas que, à aproximação da noite, fecham as corolas de suas flores ou deixam pender suas folhas, depois de as haver plissado.

Qual é, pois, o estado de nosso elemento espiritual, durante a sua retirada de nossos sentidos exteriores? Ele não é mais apto a receber as impressões de fora, pelo uso dos olhos, dos ouvidos, pelo paladar, pelo olfato e pelo tato; mas, poder-se-ia dizer que durante esses momentos o nosso *nós* se aniquilasse? Se assim fosse, nosso corpo receberia todas as manhãs um *outro* Espírito, uma outra *alma*, em lugar daquela que estaria destruída. Tendo-se o

Espírito retirado de seus sentidos, continua a viver e agir, embora não podendo manifestar-se senão imperfeitamente, tendo renunciado por algum tempo aos instrumentos de que tem o hábito de se servir ordinariamente.

Os sonhos são outras tantas provas da continuação da atividade do Espírito. O homem desperto lembra-se de ter sonhado, mas essas lembranças geralmente se tornam vagas ou obscuras pelas vivas impressões que se precipitam subitamente para o Espírito ao despertar, por intermédio dos sentidos. Se mesmo nesse momento ignora de que visões se havia ocupado durante o sono, conserva, não obstante, no momento de um despertar súbito, a consciência de que sua atenção se destacou de alguma coisa que o tinha preocupado, até então dentro de si mesmo.

O sono se compõe sempre de visões, de desejos e de sentimentos, mas que se formam de maneira independente dos objetos exteriores, já que os sentidos exteriores do homem ficam inativos; é por isso que raramente deixam uma impressão viva e durável na memória. Então o Espírito devia estar ocupado, embora não possamos, depois do sono, recordar dos resultados de sua atividade. Mas qual o homem que está em condição de se recordar dos milhares dessas rápidas visões que se apresentam ao seu Espírito, mesmo em estado de vigília, em tal ou qual hora do dia? Tem, por isso, o direito de pretender que seu Espírito não teve visões, justo no momento em que, antes de tudo, estava ativo e refletindo?

Durante o sono, o Espírito conserva o sentimento de sua existência, tão bem quanto em vigília. Mesmo durante o sono, sabe distinguir-se perfeitamente dos objetos de suas visões. Cada vez que nos lembramos de um sonho, achamos que era o nosso próprio *eu* que, com um sentimento muito imperfeito de sua individualidade, flutuava entre as imagens de sua própria fantasia.

Podemos esquecer os acessórios dos sonhos que não produzem entre nós senão uma fraca impressão, e durante os quais o nosso Espírito não reagiu fortemente por seus desejos e sentimentos. Por conseguinte, poderíamos também esquecer que então tínhamos o sentimento de nossa existência, mas isto não é uma razão para supor que este último tenha sido suspenso um só instante, pelo fato de dele não mais nos lembrarmos!

Há homens que, preocupados com graves reflexões, não sabem, mesmo em estado de vigília, o que se passa em torno deles. Seu Espírito, tendo-se retirado das partes exteriores do corpo e dos órgãos dos sentidos, concentra-se e não se ocupa senão consigo mesmo e, exteriormente, parecem sonhar ou dormir com os olhos abertos. Mas quem poderá negar que hajam guardado plenamente o sentimento de sua existência, durante esses momentos de profunda meditação, embora não vejam com os olhos e não escutem com os ouvidos? Uma outra prova da *continuação incessante do sentimento de nossa existência e de nossa identidade*, é o poder que possui o homem de despertar por si mesmo, numa hora por ele fixada previamente.

Conseqüentemente, não se pode dizer que um homem mergulhado num sono mais ou menos profundo tenha perdido a consciência de si mesmo, quando, ao contrário, traz em si o sentimento de sua existência, mas sem poder no-lo manifestar. É justamente o caso dos desfalecimentos, quando o elemento espiritual do homem se retira em si mesmo, por efeito de uma perturbação passageira e parcial de sua vida vegetativa, porque o Espírito foge a tudo o que é morto, e não se prende senão à força vital, àquilo que, por si mesmo, não passa de matéria inerte. O homem desmaiado não dá nenhum sinal exterior de vida, mas desta não está privado, como não o está durante o sono. Muitas pessoas desmaiadas, assim como os adormecidos, muitas vezes conservam a lembrança de algumas das visões que tiveram durante este estado, que tanto se avizinha do da morte; outras não as esquecem. Há

desmaios durante os quais o corpo fica lívido, frio, privado de respiração e de movimento e parece inteiramente um cadáver, enquanto o Espírito, achando-se ainda em comunicação com alguns sentidos, compreende tudo o que se passa à sua volta, sem poder, como nos casos de catalepsia, dar qualquer sinal exterior de vida e de conhecimento. Quantas pessoas foram enterradas vivas desta maneira, com plena consciência de tudo quanto ordenavam para o seu enterro, por parentes ou amigos enganados por uma aparência fatal!⁴⁹

Um outro estado deveras notável do homem nos dá a prova da atividade ininterrupta do Espírito e do conhecimento de si mesmo, que jamais se perde, mesmo quando, depois, não mais se recorda. É o estado de sonambulismo. O homem adormece em seu sono ordinário. Não ouve, não vê e nada sente; mas, subitamente, tem o ar de despertar, não de seu sono, mas *em si mesmo*. Ouve, mas não com os ouvidos; vê, mas não com os olhos; sente, mas não pela

49 O célebre fisiologista alemão Dr. Buchner, publicou em 1859, no nº 349 do *Disdascalia*, jornal científico que aparecia em Darmstadt, um artigo sobre o uso do clorofórmio, no fim do qual acrescenta estas palavras muito notáveis na boca do autor de *Força e Matéria*: “A descoberta do clorofórmio e de seus efeitos extraordinários é não só de grande significação para a ciência médica, mas também para duas de nossas principais ciências: a *fisiologia* e – não se espantem muito – a *filosofia*.” O que leva o doutor materialista a dizer que, mesmo sob o aspecto psicológico, o uso do clorofórmio tem algum peso, é que os pacientes, durante as operações sofridas, achando-se num estado de semi-atordoamento, produzido pelo efeito do clorofórmio, várias vezes declararam, depois de despertar, que durante a operação não haviam sentido dor, nem sentimento de angústia ou de medo, mas que sempre ouviam perfeitamente tudo o que se passava e se dizia em seu redor, sem, contudo, estar em condição de fazer qualquer movimento, nem mexer um só de seus membros.

Esse fato não vem provar positivamente a possibilidade da existência do Espírito fora da matéria, que morre desde que o Espírito que a vivificava a deixa definitivamente?

O magnetismo também não oferece provas, a bem dizer palpáveis, da existência da alma independente da matéria? E como é tratado pelos sábios e pelas academias? Em vez de lhe prestar toda a atenção e de se aplicar em estudá-lo seriamente, limitam-se a negá-lo, o que certamente é mais cômodo, mas não honra as nossas corporações científicas.

(Nota do tradutor para o francês)

epiderme. Anda, fala, faz muitas coisas e exerce várias funções, para o espanto geral dos assistentes, com a maior circunspeção e com mais perfeição do que em vigília. Nesse estado lembra-se, muito distintamente, dos acontecimentos passados quando em vigília, mesmo dos que esquece quando está acordado, ocasião em que está de posse de todos os sentidos. Depois de haver ficado nesse estado durante algum tempo, o sonâmbulo cai de novo no sono ordinário e quando é tirado deste, não se recorda absolutamente de nada do que se passou. Esqueceu tudo quanto disse e fez e muitas vezes se nega em acreditar o que dele contam os espectadores. Poder-se-ia, entretanto, negar a seu Espírito o conhecimento de si mesmo, assim como sua admirável atividade durante o sono sonambólico? Quem o ousaria? O sonâmbulo, caindo novamente no sono que *constitui seu despertar interior*, lembra-se perfeitamente, nesse estado incompreensível para si próprio, de tudo o que fez e pensou antes num estado semelhante, e do qual havia perdido completamente a lembrança durante o estado de vigília de seus sentidos exteriores.

Como explicar este fenômeno? Como é que um homem que dorme não apenas pode ver e ouvir com os seus sentidos exteriores inativos, mas isto mais positivamente, mais perfeitamente do que em vigília? Porque sabemos que o corpo não é senão o vaso ou o envoltório exterior da alma; porque, sem esta, nada pode experimentar, e porque o olho de um cadáver vê tanto quanto o olho de uma estátua. É, pois, a alma e unicamente a alma que sente, vê e ouve o que se passa fora dela. O olho, o ouvido, etc., não passam de instrumentos e dispositivos favoráveis do envoltório exterior, para proporcionar à alma as impressões de fora. Mas há circunstâncias nas quais esse envoltório grosseiro, achando-se partido ou estragado, a alma, por assim dizer, o atravessa e continua sua ação, sem por isto necessitar de seus sentidos exteriores. Então ela reage com um acréscimo de vigor, mas completamente diverso de quando em seu estado ordinário ou de vigília, contra o que não está morto no homem.

É, pois, mesmo a alma que é o ser que sente, e não o corpo; conseqüentemente, é ela quem forma o verdadeiro corpo do Espírito, e o corpo material não é senão o seu arcabouço exterior, *sua cobertura, seu envoltório*. A experiência e inumeráveis exemplos nos provam suficientemente que o Espírito nunca perde a sua atividade e a consciência de seu *eu*, mesmo quando não pode lembrar-se minuciosamente de cada momento particular de sua existência. Sabendo que o Espírito, absorvido em profundas reflexões, perde de vista seu próprio corpo e tudo o que o cerca; que, em certas doenças, pode achar-se na absoluta impossibilidade de agir sobre as partes exteriores de seu corpo e, algumas vezes, delas prescindir completamente (como no estado de sonambulismo), para a execução de seus desígnios, devemos compreender claramente como o Espírito imortal, tendo deixado o seu invólucro material e perecível, conserva, depois de sua morte terrestre, a consciência e o sentimento de sua existência, embora se achando fora do estado de poder manifestá-lo aos vivos, por meio do cadáver, já que este não lhe pertence mais. Ao mesmo tempo, compreendemos o que é o *corpo espiritual*, de que fala o apóstolo Paulo; o que devemos entender por corpo imperecível, que deve renascer do corpo perecível (I Cor., 15:4); como a fraqueza se abate e é semeada no túmulo, e como a força se eleva e se lança para o céu, madura para uma vida melhor (I Cor., 15:43). Eis a verdadeira ressurreição da morte, a ressurreição espiritual. O que em nós é pó deve voltar ao pó e às cinzas; mas o Espírito, vestido num corpo transfigurado, leva daí em diante a imagem do céu, exatamente como até agora tinha levado a imagem da Terra (I Cor., 15:49). O corpo terrestre, apodrecendo no túmulo, nada mais sente, mas também jamais sentiu por si mesmo. Era, pois, o corpo espiritual, a alma, que percebia e sentia tudo. Assim ela continuará a fazê-lo, livre de seu vaso partido, mas apenas de uma maneira infinitamente mais delicada e mais pronta. Tendo o Espírito consciência de si mesmo em seu envoltório espiritual, poderia perfeitamente e infinitamente melhor ainda, admirar a glória de Deus em suas

criações, e ao mesmo tempo possuir as faculdades de ver e amar os que lhes são caros; mas não mais experimentará necessidades materiais e sensuais, não terá mais lágrimas. Tornar-se-á a imagem do céu, que é a sua verdadeira pátria.

Que sentirei no momento em que me chamares a ti, meu Criador, meu Pai! no momento de minha transfiguração, quando, cercado de meus bem-amados, chorando em volta de mim e vendo meus bem-amados que me precederam aproximar-se de mim, eu os bendirei a todos com igual amor! E quando, santificado por Jesus-Cristo, participando de seu reino, eu me apresentar diante de ti, ó meu Deus! adorando-te com o mais vivo reconhecimento, com a mais profunda veneração, com a admiração sem limites! Que meu Espírito imortal esteja *então bastante maduro* para gozar esta felicidade suprema! *Amém.*

Doutrina de Lao-Tseu

FILOSOFIA CHINESA

Devemos a notícia seguinte à gentileza e ao zelo esclarecido de um dos nossos correspondentes de Saigon (Cochinchina).

No século VI antes de nossa era, portanto quase ao mesmo tempo que Pitágoras, e dois séculos antes de Sócrates e Platão, vivia na província de Lunan, na China, Lao-Tseu, um dos maiores filósofos que jamais existiram. Oriundo da mais ínfima origem, Lao-Tseu não teve outros meios de instruir-se senão a reflexão e numerosas viagens. Chegado à idade de cerca de cinquenta anos, seja porque suas disposições filosóficas, desenvolvidas pelo estudo, tenham enfim produzido os seus frutos, seja porque, inconscientemente, ele tenha combinado esses frutos com uma revelação particular, escreveu seu livro *A razão suprema e a virtude*, obra considerada como autêntica, a despeito de sua

antiguidade, pelos historiadores chineses de todas as seitas, e com tanto mais autoridade quanto, certamente, não foi incluída no incêndio de livros ordenado pelo imperador Loang-Ti, duzentos anos antes da era cristã.

Para maior clareza, digamos, antes de mais, o que Lao-Tseu designava pela palavra *tao*. Era uma denominação dada por ele ao primeiro ser; impotente que era para o chamar por seu nome eterno e imutável, qualificava-o por seus principais atributos: *tao*, *razão suprema*. À primeira vista parece que o termo chinês... (Aqui o nosso correspondente transcreve esta palavra em caracteres chineses, que o nosso impressor não pôde reproduzir), cuja pronúncia figurada é *tas*, tem alguma analogia, do ponto de vista fonético, com o *Théos* dos gregos, ou o *Deus* dos latinos, de onde veio o nosso vocábulo *Deus*. E, contudo, ninguém acredita que a língua chinesa e a língua grega jamais tenham tido pontos comuns. Aliás, a anterioridade reconhecida da nação e da civilização chinesa basta para provar que esta expressão é um idiotismo chinês.⁵⁰

O *tao*, ou a razão suprema universal de Lao-Tseu, tem duas naturezas ou modos de ser: o modo espiritual ou imortal e o modo corporal ou material. A natureza espiritual é a natureza perfeita; dela é que emanou o homem; é a ela que ele deve voltar, despreendendo-se dos laços materiais do corpo; o aniquilamento de todas as paixões materiais, o afastamento dos prazeres mundanos, são meios eficazes de se tornar digno de a ela retornar. Mas escutemos falar o próprio Lao-Tseu. Servir-me-ei da tradução de Pauthier, sinólogo tão erudito quanto consciencioso. Seus trabalhos sobre a filosofia chinesa e sua doutrina são tanto mais notáveis e isentos de suspeita quanto, morto há muito tempo, ignorava até o nome da Doutrina Espírita.

50 É quase supérfluo dizer que a palavra chinesa *tao* não tem qualquer relação com o sentido da palavra francesa *tas*, que dela tem apenas a pronúncia figurada.

Na vigésima primeira seção da razão suprema, Lao-Tseu estabeleceu uma verdadeira cosmogonia:

“As formas materiais do grande poder criador não passam de emanações do *tao*; é o *tao* que produziu os seres materiais existentes. (Antes) não havia senão uma confusão completa, um caos indefinível; era um caos! uma confusão inacessível ao pensamento humano.

“Em meio a esse caos havia um princípio sutil, vivificante; esse princípio sutil, vivificante era a suprema verdade.

“Em meio a esse caos havia seres, mas seres em germes; seres imperceptíveis, indefinidos.

“Em meio a esse caos havia um princípio de fé. Desde a antiguidade até os nossos dias, seu nome não desapareceu. Examina com cuidado o bem de todos os seres. Mas nós, como conhecemos as virtudes da multidão? Por esse *tao*, essa razão suprema.

“Os seres de formas corporais são formados da matéria primeira, confusa.

“Antes da existência do Céu e da Terra havia um silêncio imenso, um vazio incomensurável e sem formas perceptíveis.

“Só ele existia, infinito, imutável. Circulava no espaço sem experimentar qualquer alteração.

“Pode-se considerá-lo como a mãe do Universo; eu ignoro o seu nome, mas o designo por seus atributos, e o digo *Grande, Elevado*.

“Sendo (reconhecido) grande, elevado, eu o chamo: grande ao longe.

“Sendo (reconhecido) grande ao longe, eu o chamo: distante, infinito.

“Sendo (reconhecido) distante, infinito, eu o chamo: o que é oposto a mim.

“O homem tem a sua lei na Terra;

“A Terra tem a sua lei no Céu;

“O Céu tem a sua lei no *Tao* ou a razão suprema universal;

“A razão suprema tem a sua lei em si mesma.”

Em outro lugar diz Lao-Tseu:

“É preciso esforçar-se para chegar ao último grau da incorporeidade, a fim de poder conservar a maior imutabilidade possível.

“Todos os seres aparecem na vida e realizam os seus destinos; contemplamos as suas renovações sucessivas. Esses seres materiais se mostram incessantemente com novas formas exteriores. Cada um deles retorna à sua origem.

“Retornar à sua origem significa tornar-se em repouso;

“Tornar-se em repouso significa cumprir o seu mandato;

“Cumprir o seu mandato significa tornar-se eterno;

“Saber que se torna eterno (ou imortal) significa ser esclarecido;

“Não saber que se torna imortal é ser entregue ao erro e a todas as sortes de calamidades;

“Sabendo-se que se torna imortal contêm-se e se abraçam todos os seres;

“Abraçando todos os seres numa afeição comum, é-se justo, eqüitativo para com todos os seres;

“Sendo justo e eqüitativo para com todos os seres, possuem-se os atributos do soberano;

“Possuindo os atributos do soberano, tem-se a natureza divina;

“Tendo a natureza divina, chega-se a ser identificado com o *tao*;

“Estando identificado com a razão suprema universal, subsiste-se eternamente; mesmo sendo o corpo posto à morte, não se deve temer nenhum aniquilamento.”

Vejamos agora qual é a moral da filosofia chinesa.

“O santo homem não tem um coração inexorável; faz o seu coração segundo o coração de todos os homens.

“Devemos tratar o homem virtuoso como um homem virtuoso; também devemos tratar o homem vicioso como um homem virtuoso: Eis a sabedoria e a virtude.

“Devemos tratar o homem sincero e fiel como um homem sincero e fiel; também devemos tratar o homem não sincero e infiel como um homem virtuoso: Eis a sabedoria e a sinceridade.”

Essas máximas correspondem ao que chamamos *indulgência* e *caridade*. O Espiritismo, demonstrando que o

progresso é uma lei da Natureza, precisa melhor este pensamento, dizendo que é necessário tratar o homem vicioso como *podendo e devendo um dia*, em conseqüência de suas existências sucessivas, tornar-se virtuoso, para o que lhe devemos fornecer os meios, em vez de o relegar entre os párias da danação eterna e pensando que nós próprios talvez tivéssemos sido piores do que ele.

Toda a doutrina de Lao-Tseu transpira a mesma mansuetude, o mesmo amor pelos homens, junto a uma elevação extraordinária de sentimentos. Sua sabedoria se revela sobretudo na passagem seguinte, na qual ele reproduz o célebre axioma da sabedoria antiga: *Conhece-te a ti mesmo*, sem que tenha tido conhecimento da fórmula de Tales:

“Aquele que conhece os homens é instruído;

“Aquele que se conhece a si mesmo é verdadeiramente esclarecido.

“Aquele que subjuga os homens é poderoso;

“Aquele que se domina a si mesmo é verdadeiramente forte.

“Aquele que realiza obras difíceis e meritórias deixa uma lembrança durável na memória dos homens.

“Aquele que não dissipa a sua vida é impercível;

“Aquele que morre e não é esquecido tem uma vida eterna.”

Como faz notar o eminente tradutor, é certo que não se encontraria na Grécia, antes de Aristóteles, uma série de sorites tão logicamente encadeadas. Quanto aos princípios mesmos, constituem, seguramente, uma doutrina, e se é certo que esta nada

contém de incompatível com o que admite a razão, por que não seria tão boa quanto outras, que dificilmente suportam a discussão?

Já o disseram: “A verdadeira religião, necessária à salvação, deve ter começado com o gênero humano.” Ora, desde que ela é essencialmente *uma*, como a verdade, como Deus, a religião primitiva já era o Cristianismo, assim como o Cristianismo, depois do Evangelho, é a religião primitiva consideravelmente desenvolvida.

Nesta série de ensinamentos não vemos retrçados os mesmos princípios que servem de base ao Espiritismo, à exceção de um único ponto, a leve tendência panteísta da não distinção, ou antes, da identificação da criatura santificada com o Criador? tendência que, se viciosa, pode ser devida à influência do meio em que vivia o filósofo Lao-Tseu, talvez a uma seqüência muito longa, dada a essa notável cadeia de argumentos ou, enfim, à imperfeita interpretação que demos de seu próprio pensamento.

Se, pois, como está constatado, Lao-Tseu é posto, pelos séculos, no número dessas vozes potentes de sabedoria e de razão, que as leis providenciais e naturais das sociedades humanas fazem surgir em certas épocas, para protestar energicamente contra um estado de dissolução social e reconduzir os espíritos aos destinos eternos do gênero humano; se sua doutrina pode ser a base da verdadeira religião, a qual, como vimos, sendo necessária à salvação, deve ter existido de todos os tempos. Desde que os princípios filosóficos do Espiritismo não são, em substância, senão os de Lao-Tseu, não se pode considerar a verdade da Doutrina Espírita como estando provada, moralmente, fora dos ensinamentos do Cristo?

Observação – Como se vê, os chineses não são absolutamente tão bárbaros quanto geralmente se pensa; eles são, de longa data, nossos irmãos mais velhos em civilização, e alguns dentre eles serviriam de exemplo a mais de um dos nossos contemporâneos em matéria de filosofia. Como é, então, que um

povo que teve sábios como Lao-Tseu, Confúcio e outros, ainda tenha costumes tão pouco em harmonia com tão belas doutrinas? Outro tanto se poderia dizer de Sócrates, Platão, Sólon, etc., em relação aos gregos; do Cristo, cujos preceitos estão longe de ser praticados por todos os cristãos.

Os trabalhos desses homens, que aparecem de longe a longe entre os povos, como meteoros da inteligência, jamais são estéreis; são sementes que ficam durante longos anos em estado latente, que não aproveitam senão a algumas individualidades, mas que as massas são incapazes de assimilar. Os povos são lentos em modificar-se, até o momento em que um abalo violento os venha tirar de seu torpor.

É de notar que a maior parte dos filósofos pouco se preocupou em pôr em prática as suas idéias. Inteiramente voltados ao trabalho da concepção e da elaboração, não tiveram o tempo e, por vezes, nem mesmo a aptidão necessária para a execução do que concebiam. Este cuidado incumbe a outros, que dele se penetram, e são muitas vezes esses mesmos trabalhos, habilmente postos em ação, que servem, ao cabo de vários séculos, para agitar os povos e os esclarecer.

Poucos chineses, à exceção de alguns letrados, sem dúvida, conhecem Lao-Tseu. Hoje que a China está aberta às nações ocidentais, nada haveria de impossível em que estas contribuíssem para vulgarizar os trabalhos do filósofo em seu próprio país. E quem sabe se os pontos de contato existentes entre a sua doutrina e o Espiritismo não será um dia um traço de união para a aliança fraterna das crenças? O que é perfeitamente certo é que quando todas as religiões reconhecerem que adoram o mesmo Deus sob diferentes nomes; que lhe concedem os mesmos atributos de soberana bondade e justiça; e que não diferem senão na forma de adoração, os antagonismos religiosos cairão. É a esse resultado que deve conduzir o Espiritismo.

Exéquias da Senhora Victor Hugo

Falecida em Bruxelas, a Sra. Victor Hugo foi trazida para a França, em 30 de agosto último, para ser inumada em Villequiers (Seine-Inférieure), junto de sua filha e de seu genro. O Sr. Victor Hugo a acompanhou até a fronteira. Sobre o túmulo, o Sr. Paul Meurice pronunciou as seguintes palavras:

“Eu queria apenas lhe dizer adeus por todos nós.

“Bem o sabeis, vós que a rodeais – pela última vez! – o que era – *o que é* esta alma tão bela e tão doce, este adorável espírito, este grande coração.

“Ah! este grande coração, sobretudo! Como ela gostava de amar! como gostava de ser amada! como sabia sofrer com os que amava!

“Era a esposa do maior homem que existe e, pelo coração, ela se alçava a esse gênio. Quase o igualava, de tanto o compreender.

“E é preciso que nos deixe! é preciso que a deixemos!

“*Ela já voltou a amar.* Reencontrou seus dois filhos, aqui – e lá (mostrando o túmulo de sua filha e o Céu).

“Victor Hugo me disse na fronteira, ontem à noite: “*Disse à minha filha que, esperando, sempre lhe envio sua mãe.*” Está dito, e creio que está entendido.

“E agora, adeus, pois! adeus pelos presentes! adeus pelos ausentes! adeus nossa amiga! adeus nossa irmã!

“Adeus, mas até à vista!”

O Sr. Paul Foucher, irmão da Sra. Victor Hugo, numa carta que escreveu no *France*, para dar contas da cerimônia, termina por estas palavras: “Nós nos separamos consternados, mas calmos e persuadidos, mais do que nunca, de que o desaparecimento de um ser é um encontro marcado com ele numa hora indefinida.”

Nesta ocasião, julgamos dever lembrar a carta do Sr. Victor Hugo ao Sr. Lamartine, quando da morte da esposa deste último, em 23 de maio de 1863, e que a maioria dos jornais da época reproduziu.

“Caro Lamartine,

“Uma grande desgraça vos fere; preciso pôr o meu coração junto do vosso. Eu venerava aquela a quem amáveis. Vosso alto espírito vê além do horizonte; percebeis distintamente a vida futura.

“Não é a vós que é preciso dizer: esperai. Sois dos que sabem, e que esperam.

“Ela é sempre a vossa companheira, invisível, mas presente. Vós perdestes a mulher, mas não a alma. Caro amigo, vivamos nos mortos.

Tuus

Victor Hugo

As palavras pronunciadas pelo Sr. Victor Hugo, e o que escreveu em diversas circunstâncias provam que ele crê, não somente nessa vaga imortalidade, na qual, com pouquíssimas exceções, todo o gênero humano acredita, mas nesta imortalidade claramente definida, que tem um objetivo, satisfaz à razão e dissipa a incerteza sobre a sorte que nos espera; que nos representa as almas ou Espíritos dos que deixaram a Terra como seres concretos, individuais, povoando o espaço, vivendo em meio de nós, com a

lembrança do que aqui fizeram, beneficiando-se do progresso intelectual e moral realizado, conservando suas afeições, testemunhas invisíveis de nossas ações e de nossos sentimentos, comungando pensamentos com os que lhes são caros; numa palavra, nesta imortalidade consoladora, que enche o vazio deixado pelos ausentes e pela qual se perpetua a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corporal. Ora, aí está todo o Espiritismo. Que acrescenta ele a isto? a prova material daquilo que não era, até ele, senão uma teoria sedutora. Enquanto certas pessoas chegaram a esta crença pela intuição e pelo raciocínio, o Espiritismo partiu do fato e da observação.

Sabe-se em conseqüência de que dolorosa catástrofe o Sr. Victor Hugo perdeu sua filha e seu genro, o Sr. Charles Vacquerie, no dia 4 de setembro de 1843. Eles se dirigiam, em barco à vela, de Villequiers a Caudebec, em companhia de um tio do Sr. Vacquerie, antigo marinheiro, e de um menino de dez anos. Uma ventania fez soçobrar a embarcação e os quatro pereceram.

Que de mais significativo, marcado de mais profunda e mais justa idéia da imortalidade que estas palavras: *Dizei à minha filha que, esperando, sempre lhe envio sua mãe!* Que calma, que serenidade, que confiança no futuro! Dir-se-ia que sua filha apenas partira para uma viagem, à qual manda dizer: “Envio-te tua mãe, esperando que eu vá vos encontrar.” Quanta consolação, quanta força, quanta esperança não se haure nesta maneira de compreender a imortalidade! Não é mais a alma perdida no infinito, que a própria certeza de sua sobrevivência não deixa nenhuma esperança de reencontrar; deixando para sempre a Terra e aqueles a quem amou, quer ela esteja nas delícias da beatitude contemplativa ou nos tormentos eternos do inferno, a separação é eterna. Compreende-se a amargura dos pesares com uma tal crença; mas, para aquele pai, sua filha está sempre lá; receberá sua mãe ao sair de seu exílio terrestre e escuta as palavras que ele lhe manda dizer!

Quem quer que tenha chegado a isto é espírita, porque, se quiser refletir seriamente, não pode escapar a todas as conseqüências lógicas do Espiritismo. Os que repelem essa qualificação são os que, não conhecendo do Espiritismo senão os quadros ridículos da crítica zombeteira, dele fazem uma idéia falsa. Ao contrário, se se dessem ao trabalho de o estudar, de o analisar e de lhe sondar o alcance, sentir-se-iam felizes por encontrar nas idéias que constituem a sua felicidade, uma sanção capaz de consolidar a sua fé. Não mais diriam apenas: “Creio, porque me parece justo”, mas “Creio porque compreendo.”

Façamos um paralelo entre os sentimentos que animaram o Sr. Victor Hugo nesta circunstância e em todas aquelas em que o seu coração recebeu semelhantes feridas, e a definição da imortalidade que dava o *Figaro*, de 3 de abril de 1868, sob a rubrica de: *Dicionário do Figaro*:

Imortalidade: Conto de enfermeiros, para tranquilizar seus clientes.

Efeito Moralizador da Reencarnação

O *Figaro* de 5 de abril de 1868, o mesmo jornal que, dois dias antes, publicava esta definição de imortalidade: “*Conto de enfermeiros, para tranquilizar seus clientes*”, e a carta referida no artigo precedente, continha o seguinte artigo:

“O compositor E... acredita firmemente na migração das almas. Ele conta, de boa vontade, que em séculos anteriores foi escravo grego, depois histrião e compositor italiano célebre, mas invejoso, impedindo os seus confrades de produzir...”

“– Hoje sou punido por isto, acrescenta ele com filosofia; é a minha vez de ser sacrificado e me ver barrados os caminhos!”

“Esta maneira de consolar bem vale uma outra.”

Esta idéia é puro Espiritismo, porque não só é o princípio da pluralidade das existências, mas o da expiação do passado, pela pena de talião, nas existências sucessivas, segundo a máxima: “Sempre se é punido por onde se pecou.” Esse compositor assim explica as suas tribulações; consola-se pelo pensamento de que não tem senão o que merece; a consequência deste pensamento é que, para não o merecer novamente, é de seu próprio interesse buscar melhorar-se; isto não é melhor do que queimar o cérebro, o que logicamente o conduziria ao pensamento do nada?

Esta crença é, pois, uma causa poderosa e muito natural de moralização; é surpreendente pela atualidade e pelo fato material das misérias que se suporta e que, por não se poder explicá-las, são levadas à conta de fatalidade ou de injustiça de Deus. Ela é compreensível para todo o mundo, para a criança e para o homem mais iletrado, porque nem é abstrata, nem metafísica. Não há ninguém que não compreenda que já se possa ter vivido, e que se já viveu, pode viver ainda. Considerando-se que não é o corpo que pode reviver, é a sanção mais patente da existência da alma, de sua individualidade e de sua imortalidade.

É, pois, para a popularizar que devem tender os esforços de todos os que se ocupam seriamente do melhoramento das massas; é para eles uma poderosa alavanca, com a qual farão mais do que pela idéia dos diabos e do inferno, de que hoje se riem.

Como ela está na ordem do dia, germina de todos os lados e sua lógica o faz aceitar facilmente, muito naturalmente ela abre aos espíritas uma porta para a propagação da doutrina. Que se liguem, pois, a essa idéia, da qual ninguém ri, que é aceita pelos mais sérios pensadores e farão mais prosélitos por esta via do que pela das manifestações materiais. Desde que é hoje a corda sensível, é esta que se deve atacar; e quando tiver vibrado, o resto virá por si

mesmo. Não faleis, pois, àqueles a quem apavora a simples palavra *Espiritismo*; falai da pluralidade das existências, dos numerosos escritores que preconizam esta idéia; falai também sobretudo aos aflitos, como o faz o Sr. Victor Hugo, da presença, em torno de nós, dos seres queridos que perdemos; eles vos compreenderão e, mais tarde, ficarão muito surpreendidos de ser espíritas sem o haver suspeitado.

Profissão de Fé Materialista

O *Figaro* de 3 de abril de 1868 continha a carta seguinte, a propósito dos debates que se deram por esta época no Senado, relativamente a certas lições professadas na Escola de Medicina.

“Paris, 2 de abril de 1868.

“Senhor redator,

“Um erro que me concerne resvalou na última palestra do doutor Flavius. Eu não assisti à aula de abertura do Sr. Séé, o ano passado e, por conseguinte, não tenho direito a nenhum papel nessa história. Aliás, é um erro de forma, e não de fundo; mas, a cada um os seus atos. Há que substituir meu nome pelo de meu amigo Jaclard, que não acredita mais do que eu na alma imortal. E, a bem dizer, eu quase não vejo em todo o Senado senão o Sr. Sainte-Beuve, que ousou, na ocasião, confiar-nos os cuidados de seus molares ou a direção de seu tubo digestivo.

“E já que tenho a palavra, permiti-me mais uma. É preciso terminar com uma brincadeira que começa a tornar-se irritante, além de ter o ar de um retrocesso. A Escola de Medicina, diz o doutor Flavius, mais forte em partos do que em filosofia, nem é ateísta, nem materialista: é positivista.

“Mas, na verdade, o que é o positivismo, senão um ramo dessa grande escola materialista, que vai de Aristóteles e de

Epicuro até Bacon, até Diderot, até Virchow, Moleschoff e Büchner, sem contar os contemporâneos e compatriotas que não cito – por isto mesmo.

“A filosofia de A. Comte teve a sua utilidade e a sua glória no tempo em que o ‘cousinismo’ reinava como senhor. Hoje que a bandeira do materialismo foi erguida na Alemanha por nomes ilustres, na França por gente moça, em cujo meio tenho orgulho e pretensão de me contar, é bom que o positivismo se recolha ao modesto papel que lhe convém. É bom, sobretudo, que não afete por mais tempo, a respeito do materialismo, seu mestre e seu antepassado, um desdém ou reticências que são, no mínimo, inoportunas.

“Recebei, senhor redator, a segurança de minha distinta consideração.”

A. Regnard,

Antigo interno dos hospítals

Como se vê, o materialismo também tem o seu fanatismo. Há alguns anos apenas ele não teria ousado exhibir-se tão audaciosamente; hoje traz abertamente o desafio ao espiritualismo, e o positivismo já não é, aos seus olhos, suficientemente radical. Tem suas manifestações públicas, e é ensinado publicamente à juventude; tem a mais o que censura nos outros: a intolerância, que vai até a intimidação. Imagine-se o estado social de um povo imbuído de semelhantes doutrinas!

Esses excessos, no entanto, têm a sua utilidade, a sua razão de ser; amedrontam a sociedade, e o bem sempre sai do mal. É preciso o excesso do mal para fazer sentir a necessidade do melhor, sem o que o homem não sairia de sua inércia; ficaria impassível diante de um mal que se perpetuaria em favor de sua pouca importância, ao passo que um grande mal desperta sua atenção e lhe faz buscar os meios de o remediar. Sem os grandes desastres ocorridos no início das estradas de ferro, e que

apavoravam, já que os pequenos acidentes isolados passavam quase despercebidos, ter-se-iam desprezado as medidas de segurança. No moral é como no físico: quanto mais excessivos os abusos, mais próximo está o termo.

A causa primordial do desenvolvimento da incredulidade está, como temos dito muitas vezes, na insuficiência das crenças religiosas, em geral, para satisfazer a razão, e no seu princípio de imobilidade, que lhes interdita toda concessão sobre os seus dogmas, mesmo diante da evidência. Se, em lugar de ficarem na retaguarda, elas tivessem seguido o movimento progressivo do espírito humano, mantendo-se sempre no nível da Ciência, por certo difeririam um pouco do que eram no princípio, como um adulto difere da criança de berço, mas a fé, em vez de se extinguir, teria crescido com a razão, porque é uma necessidade para a Humanidade, e elas não teriam aberto a porta à incredulidade que vem sapor o que delas resta; recolhem o que semearam.

O materialismo é uma conseqüência da época de transição em que estamos; não é um progresso, longe disso, mas um instrumento de progresso. Desaparecerá, provando a sua insuficiência para a manutenção da ordem social e para a satisfação dos espíritos sérios, que procuram o porquê de cada coisa; para isto era necessário que o vissem em ação. A Humanidade, que precisa crer no futuro, jamais se contentará com o vazio que ele deixa atrás de si, e procurará algo de melhor para o compensar.

Profissão de Fé Semi-Espírita

Em apoio às reflexões contidas no artigo precedente, reproduzimos com prazer a carta seguinte, publicada pelo *Petite-Presse* de 20 de setembro de 1868.

“Les Charmettes, setembro de 1868.

“Meu caro Barlatier,

“Sabeis a canção:

Quando se é basco e bom cristão...

“Sem ser basco, sou bom cristão, e o cura de minha aldeia, que ontem comia a minha sopa de couve, me permite que vos conte a nossa conversa.

“– Então ides retomar o *Rei Henrique?* – Com tanto melhor vontade, respondi, quanto *eu vivi naquele tempo*. – Meu digno cura teve um sobressalto.

“Então lhe comuniquei minha convicção de que já tínhamos vivido e que viveríamos ainda. Nova exclamação do bravo homem. Mas, enfim, reconheceu que as crenças cristãs não excluem esta opinião e deixou que eu seguisse o meu caminho.

“Ora, meu caro amigo, acreditai mesmo que eu não quis divertir-me com a candura do meu cura, e que esta convicção de que falo está fortemente arraigada em mim. Vivi ao tempo da Liga, sob Henrique III e Henrique IV. Quando eu era criança, meus avós me falavam de Henrique IV, e de um indivíduo que eu não conhecia absolutamente, um monarca grisalho, enfiado numa *gola plissada*⁵¹, devoto ao excesso e jamais tendo ouvido falar da Belle Gabrielle. Era o do padre Péréfixe. O Henrique IV que conheci, batalhador, amável, fino, um pouco esquecido, é o verdadeiro. É aquele de quem já falei e vos falarei ainda.

“Não riais. Quando vim a Paris pela primeira vez, reconheci-me por toda parte nos velhos bairros e tive uma vaga lembrança de me haver encontrado na rue de la Ferronnerie, no dia em que o povo perdeu o seu bom rei, aquele que tinha querido que

51 N. do T.: Grifo nosso. *Fraise* no original: Espécie de gola ou de colarinho pregueado. Fazia parte da moda da época e foi muito usado pelo rei Henrique IV, conforme o retratam os pintores do século XVI.

cada francês tivesse aos domingos uma galinha na panela. Que era eu nesse tempo? Pouca coisa, sem dúvida um cadete da Provença ou da Gasconha. Mas se tivesse estado nas guardas de meu herói, isto não me surpreenderia.

“Em breve, pois, meu primeiro folhetim da *Segunda Juventude do rei Henrique*.

“E crede-me todo vosso.”

Ponson du Terrail

Quando o Sr. Ponson du Terrail lançava o ridículo sobre o Espiritismo, não imaginava, e talvez ainda hoje não imagine, que uma das bases fundamentais desta doutrina é precisamente a crença da qual faz uma profissão de fé tão explícita. A idéia da pluralidade das existências e da reencarnação evidentemente ganha a literatura e não nos surpreenderíamos que Méry, que se lembrava tão bem do que tinha sido, não tenha despertado em mais de um de seus confrades, lembranças retrospectivas e não seja, entre eles, o primeiro iniciador do Espiritismo, porque o lêem, ao passo que não lêem os livros espíritas. Eles aí encontram uma idéia racional, fecunda, e a aceitam.

O *Petite-Presse* publica, neste momento, sob o título de *Sr. Médard*, um romance cujo enredo é todo espírita. É a revelação de um crime pela aparição da vítima em condições muito naturais.

Instruções dos Espíritos

INFLUÊNCIA DOS PLANETAS NAS PERTURBAÇÕES DO GLOBO TERRESTRE⁵²

Extraímos o que segue de uma carta que nos é dirigida de Santa-Fé de Bogotá (Nova Granada), por um dos nossos

52 *Nota da Editora:* Ver “Nota Explicativa”, p. 543.

correspondentes, o Sr. doutor Ignácio Pereira, médico, cirurgião, membro fundador do Instituto Homeopático dos Estados Unidos da Colômbia:

“Há três anos que, pela mudança das estações em nossas regiões, a do verão tornou-se muito longa e apareceram em algumas plantas doenças inteiramente desconhecidas em nosso país; as batatas foram atacadas de gangrena seca e, pelas observações microscópicas, que fiz em plantas afetadas por esta doença, reconheci que é produzida por um parasito vegetal chamado *perisporium solani*. Há três anos nosso globo tem sido vítima de desastres de toda sorte: inundações, epidemias, epizootias, fome, furacões, comoções do mar, terremotos têm, sucessivamente, devastado diversas regiões.

“Sabendo que quando um cometa se aproxima da Terra as estações se tornam irregulares, pensei que esses astros pudessem igualmente produzir uma ação sobre os seres orgânicos, ocasionar perturbações climatéricas, causas de certas moléstias e, talvez, influir sobre o estado psíquico do globo pela produção de fenômenos diversos.

“O Espírito de meu irmão, que interroguei a respeito, limitou-se a me responder que não é um cometa que age, mas o planeta Júpiter que, de quarenta em quarenta anos, está no seu período mais próximo da Terra, recomendando-me não prosseguir este estudo por mim só.

“Preocupado com sua resposta, estudei a crônica de quarenta anos atrás, e então fiquei sabendo que as estações foram irregulares, como hoje, em nossas regiões; sobreveio ao trigo a doença conhecida pelo nome de *anublo*; também houve pestes nos homens e nos animais; terremotos que causaram grandes desastres.

“Esta questão me parece importante, razão por que, se julgardes conveniente submetê-la aos Espíritos instrutores da

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, eu vos ficaria muito agradecido se me désseis a conhecer a sua opinião.”

RESPOSTA

(Paris, 18 de setembro de 1868)

Na Natureza não há um fenômeno, por pouco importante que seja, que não seja regulado pelo exercício das leis universais que regem a Criação. Dá-se o mesmo nos grandes cataclismos, e se males de toda sorte castigam a Terra em certas épocas, não só é porque são necessários, em razão de suas conseqüências morais, mas, também, porque a influência dos corpos celestes uns sobre os outros e as reações compostas de todos os agentes naturais devem fatalmente levar a tal resultado.

Estando tudo submetido a uma série de leis, eternas como aquele que as criou, pois que não se poderia remontar à sua origem, não há um fenômeno que não esteja submetido a uma lei de periodicidade, ou de série, que provoca o seu retorno em certas épocas, nas mesmas condições, ou seguindo, como intensidade, uma lei de progressão geométrica crescente ou decrescente, mas contínua. Nenhum cataclismo pode nascer espontaneamente, ou, se seus efeitos parecem tal, as causas que o provocam são postas em ação desde um tempo mais ou menos longo. Não, são, pois espontâneos senão em aparência, pois não há um só que não esteja preparado desde muito tempo, e que não obedeça a uma lei constante.

Partilho, pois, inteiramente da opinião expressa pelo Espírito Jenaro Pereira, quanto à periodicidade das irregularidades das estações; mas quanto à sua causa, é mais complexa do que ele supõe.

Cada corpo celeste, além das leis simples que presidem à divisão dos dias e das noites, das estações, etc., sofrem revoluções

que demandam milhares de séculos para a sua perfeita realização, mas que, como as revoluções mais breves, passam por todos os períodos, desde o nascimento até o apogeu do efeito, depois do que há um decréscimo até o último limite, para recomeçar em seguida a percorrer as mesmas fases.

O homem não abarca senão as fases de duração relativamente curta, e cuja periodicidade pode constatar; mas há umas que compreendem longas gerações de seres e, mesmo, sucessões de raças, cujos efeitos, por conseguinte, têm para ele as aparências da novidade e da espontaneidade, ao passo que se o seu olhar pudesse abranger alguns milhares de séculos para trás, ele veria, entre esses mesmos efeitos e suas causas, uma correlação que nem sequer suspeita. Esses períodos, que confundem a imaginação dos humanos por sua relativa duração, não são, contudo, senão instantes na duração eterna.

Lembrai-vos do que disse Galileu, em seus estudos uranográficos, que tivestes a feliz idéia de intercalar no vosso *A Gênese*, sobre o tempo, o espaço e a sucessão indefinida dos mundos, e compreendereis que a vida de uma ou de várias gerações, em relação ao conjunto, é como uma gota d'água no oceano. Não vos admireis, pois, de não poder perceber a harmonia das leis gerais que regem o Universo; o que quer que façais, não podeis ver mais que um pequeno canto do quadro, razão por que tantas coisas vos parecem anomalias.

Num mesmo sistema planetário, todos os corpos que dele dependem reagem uns sobre os outros; todas as influências físicas aí são solidárias, e não há um só dos efeitos, que designais sob o nome de grandes perturbações, que não seja a consequência da componente das influências de todo esse sistema. Júpiter tem suas revoluções periódicas, como todos os outros planetas, e essas revoluções não deixam de ter influência sobre as modificações das condições físicas terrestres; mas seria erro considerá-las como a causa única ou preponderante dessas modificações. Elas intervêm

por uma parte, como as de todos os planetas do sistema, como os próprios movimentos terrestres intervêm para contribuir para modificar as condições dos mundos circunvizinhos. Vou mais longe: digo que os sistemas reagem uns sobre os outros, em razão da aproximação ou do afastamento que resulta de seu movimento de translação através das miríades de sistemas que compõem nossa nebulosa. Vou mais longe ainda: digo que nossa nebulosa, que é como um arquipélago na imensidade, tendo também o seu movimento de translação através de miríades de nebulosas, sofre a influência daquelas de que se aproxima. Assim, as nebulosas reagem sobre as nebulosas, os sistemas reagem sobre os sistemas, como os planetas reagem sobre os planetas, como os elementos de cada planeta reagem uns sobre os outros, e assim gradualmente, até o átomo. Daí, em cada mundo, as revoluções locais ou gerais, que só parecem perturbações porque a brevidade da vida não permite ver senão os seus efeitos parciais.

A matéria orgânica não poderia escapar a essas influências; as perturbações que ela sofre podem, então, alterar o estado físico dos seres vivos e determinar algumas dessas doenças que atacam de maneira geral as plantas, os animais e os homens. Como todos os flagelos, essas doenças são para a inteligência humana um estimulante que a impele, por necessidade, à procura dos meios de as combater, e à descoberta das leis da Natureza.

Mas, por sua vez, a matéria orgânica reage sobre o espírito; este, por seu contato e sua ligação íntima com os elementos materiais, também sofre influências que modificam suas disposições, sem, contudo, lhe tirar o livre-arbítrio, superexcitam ou retardam a sua atividade e, por isto mesmo, contribuem para o seu desenvolvimento. A efervescência, que por vezes se manifesta em toda uma população, entre os homens de uma mesma raça, não é uma coisa fortuita, nem o resultado de um capricho; tem sua causa nas leis da Natureza. Essa efervescência, a princípio inconsciente, que não passa de um vago desejo, uma aspiração indefinida por algo de melhor, uma necessidade de mudança, traduz-se por uma

agitação surda, depois por atos que levam às revoluções morais, as quais, crede-o bem, também têm sua periodicidade, como as revoluções físicas, porque tudo se encadeia. Se a visão espiritual não fosse circunscrita pelo véu material, veríeis essas correntes fluídicas que, semelhantes a milhares de fios condutores, ligam as coisas do mundo espiritual e do mundo material.

Quando se vos diz que a Humanidade chegou a um período de transformação, e que a Terra deve elevar-se na hierarquia dos mundos, não vejais nestas palavras nada de místico, mas, ao contrário, a realização de uma das grandes leis fatais do Universo, contra as quais se quebra toda a má vontade humana.

Direi, em particular, ao Sr. Ignácio Pereira: Estamos longe de vos aconselhar a renúncia dos estudos que fazem parte de vossa futura bagagem intelectual; mas compreendeis, sem dúvida, que esses conhecimentos devem ser, como todos os outros, o fruto de vossos trabalhos, e não o de nossas revelações. Podemos dizer-vos: Estais perdidos, mas vós mesmos podeis eleger o verdadeiro caminho, cabendo a vós a iniciativa de levantar os véus em que ainda estão envolvidas as manifestações naturais que, até aqui, escaparam às vossas investigações, e descobrir as leis pela observação dos fatos. Observai, analisai, classificai, comparai, e da correlação dos fatos fazei as vossas deduções, mas não vos apresseis em concluir de modo absoluto.

Terminarei dizendo-vos: Em todas as vossas pesquisas tomai exemplo nas leis naturais, pois elas são todas solidárias entre si; e é esta solidariedade de ações que produz a imponente harmonia de seus efeitos. Homens, sede solidários, e avançareis harmonicamente para o conhecimento da felicidade e da verdade.

F. Arago

Permiti-me acrescentar algumas palavras, como complemento, à comunicação que acaba de vos dar o eminente Espírito Arago.

Sim, por certo a Humanidade se transforma, como já se transformou em outras épocas, e cada transformação é marcada por uma crise que é, para o gênero humano, o que são as crises de crescimento para os indivíduos; crises muitas vezes penosas, dolorosas, que arrastam consigo as gerações e as instituições, mas sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral.

A Humanidade terrena, chegada a um desses períodos de crescimento, está plenamente, desde cerca de um século, no trabalho da transformação. É por isto que ela se agita por todos os lados, presa de uma espécie de febre e como que movida por uma força invisível, até que retome o equilíbrio sobre novas bases. Quem a vir, então, a achará muito mudada em seus costumes, em seu caráter, em suas leis, em suas crenças, numa palavra, em todo o seu estamento social.

Uma coisa que vos parecerá estranha, mas que não deixa de ser uma rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos, que vos rodeia, sofre o contragolpe de todas as comoções que agitam o mundo dos encarnados; digo mais: ele aí toma uma parte ativa. Isto nada tem de surpreendente para quem quer que saiba que os Espíritos são unos com a Humanidade; que dela saem e a ela devem voltar; é, pois, natural que se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Ficai, pois, certos de que quando uma revolução social se realiza na Terra, ela agita igualmente o mundo invisível; todas as paixões boas e más aí são superexcitadas como entre vós; uma indizível efervescência reina entre os Espíritos que ainda fazem parte do vosso mundo e que esperam o momento de nele entrar.

A agitação dos encarnados e dos desencarnados se juntam, por vezes e mesmo na maioria das vezes, porque tudo sofre, na Natureza, as perturbações dos elementos físicos; é então, por um tempo, uma verdadeira confusão geral, mas que passa

como um furacão, depois do que o céu se torna sereno, e a Humanidade, reconstituída sobre novas bases, imbuída de novas idéias, percorre uma nova etapa de progresso.

É no período que se abre que se verá florescer o Espiritismo, e que dará os seus frutos. É, pois, para o futuro, mais que para o presente, que trabalhais; mas era necessário que esses trabalhos fossem elaborados previamente, porque preparam as vias da regeneração pela unificação e pela racionalidade das crenças. Ditosos os que os aproveitam desde hoje; será para eles tanto de ganho e de penas poupadas.

Doutor Barry

Variedades

BELO EXEMPLO DE CARIDADE EVANGÉLICA

Um lance de caridade realizado pelo Sr. Ginet, cantoneiro de Saint-Julien-sous-Montmelas, é contado pelo *Écho de Fourvière*:

No dia 1^o de janeiro, ao cair da noite, achava-se agachada na praça de Saint-Julien uma mendiga profissional, coberta de chagas infectas, vestida de velhos trapos cheios de bichos e, não obstante isso, todos a temiam; não respondia ao bem que lhe faziam senão por socos e injúrias. Tomada de súbito enfraquecimento, teria sucumbido na calçada, não fosse a caridade do nosso cantoneiro que, dominando a repugnância, tomou-a nos braços e a levou para sua casa.

Esse pobre homem tem apenas um alojamento muito apertado, para si, a mulher doente e três filhos pequenos; não tem outro recurso senão o seu módico salário. Pôs a velha mendiga sobre um pouco de palha dada pelo vizinho e dela cuida toda a noite, procurando aquecê-la.

Ao romper do sol, essa mulher, enfraquecendo-se cada vez mais, lhe disse: “Tenho dinheiro comigo; eu vo-lo dou pelos vossos cuidados.” E acrescentou estas palavras: “o Sr. cura...” e expirou. Sem se preocupar com o dinheiro, o cantoneiro correu para procurar o cura; mas era tarde demais. A seguir apressou-se a avisar os parentes, que moram numa paróquia vizinha e que estão em posição folgada. Estes chegam e a primeira palavra é esta: “Minha irmã tinha dinheiro consigo; onde está? E o cantoneiro responde: Ela mo disse, mas não me inquietei.” Procuram e encontram, com efeito, mais de 400 francos num de seus bolsos.

Acabando a sua obra, o caridoso operário, auxiliado por uma vizinha, amortalha a pobre morta. Algumas pessoas eram de opinião que na noite seguinte ele colocasse o caixão num hangar vizinho, que estava fechado. “Não, disse ele; esta mulher não é um cão, mas uma cristã.” E a velou toda a noite em sua casa, com a candeia acesa.

Às pessoas que lhe exprimiam admiração e o aconselhavam a pedir uma recompensa, respondia: “Oh! não foi o interesse que me levou a agir. Que me dêem o que quiserem, mas nada pedirei. Na posição em que estou, posso encontrar-me no mesmo caso e seria muito feliz se tivessem piedade de mim.”

– Que relação tem esse fato com o Espiritismo? perguntaria um incrédulo. – É que a caridade evangélica, tal qual a recomendou o Cristo, sendo uma lei do Espiritismo, todo ato realmente caridoso é um ato espírita, e a ação desse homem é a aplicação da lei de caridade no que ela tem de mais puro e mais sublime, porque ele fez o bem, não só sem esperança de retribuição, sem pensar em seus encargos pessoais, mas quase com a certeza de ser pago com ingratidão, contentando-se em dizer que, em semelhante caso, quererá que tivessem feito o mesmo por ele. – Este homem é espírita? – Ignoramo-lo, mas não é provável. Em todo o caso, se não o era pela letra, era-o pelo espírito. – Se não era

espírita, então não foi o Espiritismo que o levou a esta ação? – Seguramente. – Então por que o Espiritismo quer o mérito desta ação? – O Espiritismo não reivindica em seu proveito a ação desse homem, mas se vangloria de professar os princípios que o levaram a praticá-la, sem jamais ter tido a pretensão de possuir o privilégio de inspirar bons sentimentos. Ele honra o bem em qualquer parte onde se encontre; e quando seus próprios adversários o praticam, ele os oferece como exemplo aos seus adeptos.

É lamentável que os jornais sejam menos pressurosos em reproduzir as boas ações, em geral, do que os crimes e os escândalos. Se há um fato que testemunha a perversidade humana, pode-se estar certo de que será repetido linha por linha, como incentivo à curiosidade dos leitores. O exemplo é contagioso; por que não pôr antes sob os olhos das massas o exemplo do bem, em vez do do mal? Há nisso uma grande questão de moralidade pública, que trataremos mais tarde, com todos os desenvolvimentos que comporta.

UM CASTELO MAL-ASSOMBRADO

O relato do fato que segue nos foi enviado por um dos nossos correspondentes de São Petersburgo.

Um velho general húngaro, muito conhecido por sua coragem, recebeu uma grande herança, pediu demissão e escreveu ao seu intendente que lhe comprasse uma propriedade que estava à venda e que lhe designou.

O intendente responde imediatamente, aconselhando ao general que não comprasse a dita propriedade, pois era mal-assombrada pelos Espíritos.

O velho valente insiste, dizendo ser uma razão a mais para fazer a compra, e lhe ordenando que a faça imediatamente.

A propriedade é então comprada e o novo dono põe-se a caminho para aí se instalar. Chega às onze horas da noite à casa de seu intendente, não longe do castelo, para onde quer ir imediatamente. – Por favor, lhe diz o velho servidor, esperai até amanhã cedo e me dai a honra de passar a noite em minha casa. – Não, diz o amo, quero passá-la em meu castelo. Então o intendente é obrigado a acompanhá-lo com vários camponeses, levando tochas; mas não querem entrar e se retiram, deixando só o novo senhor.

Este tinha consigo um velho soldado, que jamais o havia deixado, e um enorme cão, capaz de estrangular um homem com um só golpe.

O velho general instala-se na biblioteca do castelo, mandar acender velas, põe um par de pistolas sobre a mesa, pega um livro e estende-se num canapé esperando os fantasmas, porque está seguro de que, se realmente os há no castelo, não são mortos, mas bem vivos. Era também por isto que havia carregado as pistolas e feito o seu cão deitar-se debaixo do canapé. Quanto ao velho soldado, já roncava num quarto contíguo à biblioteca.

Pouco tempo se passa; o general julga ouvir ruído no salão, escuta atentamente e o ruído redobra. Seguro de si, toma uma vela numa das mãos e a pistola na outra e entra no salão, onde não vê ninguém; rebusca em toda parte, até levantando as cortinas: não há nada, absolutamente nada. Então volta à biblioteca, retoma o livro e, mal havia lido algumas linhas o ruído se faz ouvir com muito mais força que da primeira vez. Retoma a vela e a pistola, entra de novo no salão e vê que abriram a gaveta de uma cômoda. Convencido desta vez de que se tratava de ladrões, mas não vendo ninguém, chama seu cachorro e lhe diz: Procure! O cachorro põe-se a tremer em todos os membros e volta para se esconder debaixo do canapé. O próprio general começa a tremer, entra na biblioteca, deita-se no canapé mas não consegue fechar os

olhos a noite inteira. Contando-nos o fato, disse-nos o general: “Eu não tive medo senão duas vezes: no campo de batalha, há dezoito anos, quando uma bomba estourou aos meus pés; e, depois, quando vi o medo apoderar-se de meu cão.

Abster-nos-emos de qualquer comentário sobre o fato muito autêntico relatado acima, e nos contentaremos em perguntar aos adversários do Espiritismo como o sistema nervoso do cão foi abalado.

Perguntaremos, além disso, como a superexcitação nervosa de um médium, por mais forte que seja, pode produzir a escrita direta, isto é, pode forçar um lápis a escrever por si mesmo.

Outra questão: Cremos que o fluido nervoso retido e concentrado num recipiente poderia igualar e mesmo superar a força do vapor; mas, estando livre o dito fluido, poderia levantar e deslocar móveis pesados, como tantas vezes acontece?

Ch. Péreyra

Bibliografia

Correspondência inédita de Lavater com a Imperatriz Maria da Rússia, sobre o futuro da alma. – O interesse que está ligado a estas cartas, que publicamos na *Revista*, sugeriu aos Srs. Lacroix & Cia, da Livraria Internacional, 15, Boulevard Montmartre a feliz idéia de lhes fazer uma publicação à parte. A propagação dessas cartas não poderá ter senão um efeito muito útil sobre as pessoas estranhas ao Espiritismo. – Brochura grande in-8. Preço: 50 centavos.

Allan Kardec